

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de Novembro de 2018**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Tenacitas 2016, pp. 249-255.

- *Alecrim*
- *Negra sombra*

Glória

Vamos trabalhar um capítulo fundamental, como método, não apenas para hoje, mas para termos sempre presente como parte de todo o caminho. Este capítulo é praticamente um resumo do percurso feito até aqui, que Dom Giussani coloca diante de nós, com todas as suas passagens. Começámos este percurso por *O Sentido Religioso*, onde, já desde o primeiro capítulo, Dom Giussani nos dá para as mãos o instrumento para o caminho, o critério para julgar tudo: a experiência elementar, o coração. É o critério com o qual podemos enfrentar todas as coisas que encontramos pelo caminho, qualquer que ele seja, mesmo que imprevisto, assim como é imprevisível e imprevista a experiência cristã. Por isso passamos a perguntar-nos: qual é a pretensão do cristianismo? A de que, em Cristo, o divino entrou na história. Este é o conteúdo do segundo volume do PerCurso, *Na Origem da Pretensão Cristã*. E é-nos dado o critério da experiência elementar para interceptá-Lo. Nada é mais importante do que verificar se esta notícia é verdadeira e, portanto, se podemos interceptá-la com aquele *detector* com o qual fomos lançados na comparação com tudo o que acontece. Mas como posso alcançar a certeza sobre Cristo, eu, que nasci tantos séculos depois? Só se posso fazer uma experiência semelhante à que fizeram os Seus contemporâneos. Por isso é preciso que Cristo esteja presente como estava presente a eles, ou seja, através da sua contemporaneidade, hoje na Igreja. Este é o objeto do terceiro volume do PerCurso, sobre o qual estamos a trabalhar, *Porquê a Igreja*. No início do capítulo, Dom Giussani pergunta-se: “A Igreja é realmente o prolongar-Se de Cristo no tempo e no espaço?” (p. 250). Propusemo-nos verificar o percurso que fizemos até agora. Para nos acompanhar nesta verificação somos guiados por um texto, com o qual somos convidados a comparar-nos constantemente para não nos perdermos pelo caminho. Mas, já sobre essa comparação surgiram perguntas.

A convite de uma amiga, reli as palavras que tu disseste no final da Jornada de Início de Ano sobre o trabalho da Escola de Comunidade. O que é que o Giuss quer dizer quando diz: “A Escola de Comunidade deve ser feita dentro de uma séria comparação com o texto, não seguindo o fio das próprias preocupações” (ou das próprias reações ao texto)? Pergunto isto porque me parece uma divisão: como faço para entrar dentro das palavras de um texto sem ser acompanhada pela preocupação ou pela pergunta que vivo no momento no qual me estou a comparar? Não seria eu mesma. Tentei confrontar-me, mas parece que não sou a única que não percebeu a profundidade deste sublinhado. Visto que se trata de uma questão de método, parece-me importante perguntar isto e também perguntar o que significa, para ti, fazer Escola de Comunidade.

Esta é uma questão importante, porque nós muitas vezes não nos comparamos com o conteúdo do texto, mas com os nossos pensamentos, com as nossas imagens, com as nossas preocupações. Por isso, o texto, muitas vezes, torna-se um pretexto para fazermos as nossas reflexões. Há uns anos atrás, precisamente aqui, uma pessoa veio dizer (ela lembra-se muito bem!) que, apesar de muitas tentativas não tinha conseguido ajudar uma pessoa em dificuldade. Disse também que tinha lido o texto de Escola de Comunidade sobre a esperança. “Mas eu perdi a esperança”, disse-me. Eu respondi: “Tu não fizeste sequer um minuto de Escola de Comunidade!”. Porquê? Porque o texto dizia que a esperança não se fundamenta nas nossas tentativas, mas no reconhecimento de Cristo, quer dizer, na fé. Ele é a nossa esperança. Mas ela, com toda a sua boa vontade, preocupada com o problema que não conseguia resolver – queria tanto ajudar aquela pessoa –, colocou a esperança nas suas tentativas, mesmo justas: as suas preocupações tinham prevalecido sobre a comparação com o

texto. De facto, o texto dizia o contrário. Então, se nós não nos comparamos com o texto, ficamos à mercê das nossas tentativas ou das nossas preocupações em vez de nos deixarmos guiar por aquilo que acontece, por alguém, para não perdermos tempo, para não ficarmos presos no emaranhado das nossas preocupações. Por isso, esta chamada de atenção de Dom Giussani é fundamental. E por isso é importante voltar muitas vezes ao conteúdo da proposta, relê-lo, ainda que sejam coisas que já lemos tantas vezes na nossa vida, para ver se estamos a verificar o que o texto diz ou se estamos a seguir apenas as nossas preocupações. Esta é a única modalidade para fazer um caminho, e exige a “tenacidade de um caminho” (como dizia Dom Giussani). Se não, é como se a pessoa fosse à aula de matemática, mas em vez de ficar atenta ao conteúdo da explicação, ficasse fechada nas suas preocupações, pensando: “Não posso abandoná-las para escutar!”. Se tu não consegues distanciar-te um instante dos teus pensamentos para ires atrás do que está a acontecer à tua frente, não farás um caminho – como sabe qualquer um que ensina. Então, a primeira sugestão que Giussani nos oferece na sua paternidade, é dizer-nos que o lugar da verificação é a experiência humana (como afirma o primeiro parágrafo do capítulo). Então, a primeira questão é perceber o que é a experiência, porque, decididamente, não é nada óbvio.

É verdade. Neste período, ao trabalhar paralelamente sobre Porquê a Igreja e O Sentido Religioso, tornou-se evidente para mim a importância crucial da experiência, substancial e ineludível âmbito de verificação da razão e da fé, como há uns tempo tu nos tentavas fazer perceber na Escola de Comunidade. Porém, aconteceu-me ao mesmo tempo, observar que é possível apelar à experiência para sustentar uma tese própria, uma ideia própria, de modo a impô-la aos outros, com um uso – poderíamos dizer – ideológico da experiência. A ocasião que insinuou em mim esta suspeita foi quando vi um filme espanhol chamado O Autor. Nele, um homem, que tem a vida profissional e familiar em declínio, inscreve-se numa escola de escritores e o seu professor convida-o a observar, a fazer experiência, a viver plenamente, porque somente isso lhe dará a justa inspiração para o seu romance. O protagonista começa assim, uma observação curiosa, atenta e sistemática da vida no seu condomínio e o seu romance ganha forma. Todavia, rapidamente, dominado pela ansiedade de construir o seu texto, o seu “mundo”, começa a condicionar os eventos com subterfúgios e mentiras para que a vida dos seus vizinhos pudesse caminhar como a vida dos seus personagens. O resultado é desastroso: chega a instigar um jovem casal a cometer um homicídio e acaba na cadeia, etc. Sem chegar a resultados tão trágicos, notei no entanto que isso acontece com muita frequência também à minha volta e em mim. Nalgumas conversas com pessoas adultas, sobre o trabalho, ou em algumas situações problemáticas que eu mesma precisei de enfrentar, dei-me conta que frequentemente a própria experiência é absolutizada e torna-se a única prova da verdade de uma ideia, de um preconceito que se tem sobre uma determinada questão ou uma determinada pessoa. E, então, a experiência deixa de ser o lugar de verificação da fé e da razão, mas é um argumento a favor ou contra uma tese pré-constituída. Então, a minha pergunta é: em que condições a experiência é fonte de conhecimento, é fonte de abertura, é âmbito de verificação e não motivo de fechamento da mente e do coração? Como olhar para a própria experiência, com que perguntas interrogá-la para não chegar a manipulá-la e para não cair na armadilha da ideologia, da qual tanto Dom Giussani como tu nos queres salvar com um contínuo apelo à experiência?

Todo o capítulo é realmente um encorajamento a não fazer batota, dirigido aos dois protagonistas em jogo: o homem e a Igreja. “A Igreja, dando prosseguimento ao que Jesus realizou na Sua existência terrena dirige-se à nossa humanidade assim como ela é” (p. 250) e “não às máscaras de humanidade que dominam as diversas formas de sociedade” (p. 251) em que vivemos. Por isso, a primeira condição a ser salva é este encontro que deve acontecer com o que vejo, envolvendo a minha humanidade com a vida da Igreja. Porque quando nos deixamos tocar pela presença da Igreja, como diz a Escola de Comunidade, seremos provocados no mais íntimo do nosso coração. Recentemente fui apresentar um livro a Madrid. Um dos interlocutores, diante do testemunho do autor, que tinha sido transformado pelo encontro com a vida da Igreja, apenas lendo o livro, disse: “Na minha idade, achava que tinha conquistado o direito a um certo ambiente confortável [a uma

comfort zone], a uma certa tranquilidade. E, de repente, aparece esse testemunho que me vira da cabeça aos pés”. Se uma pessoa se coloca diante da Igreja com a própria humanidade, não pode – como sempre dissemos, citando João e André – não ser provocado (como aquela pessoa que estava esperando apenas o declínio definitivo da sua vida) nos movimentos mais originais do seu coração. Por outro lado, diz Dom Giussani, para poder verificar o que o coração interceptou é preciso que o homem não pare na primeira reação, mas se comprometa com a vida para “averiguar” este desafio. É neste ponto que nós, normalmente, começamos a fazer batota. Com a descrição que tu fazes do filme, fazes-nos perceber que, dominado pela ansiedade (e, portanto, não pela sua humanidade assim como originalmente é), este senhor começa a condicionar os eventos com subterfúgios e mentiras. Nós sabemos quando estamos a fazer batota! Não é que isto aconteça inconscientemente. Nós sabemos que, quando não temos pobreza de espírito, selecionamos os dados que nos parecem conformes ao que já temos na cabeça: e, portanto, não há uma comparação real da nossa humanidade com a proposta da Igreja. É interessante que tu tenhas dado esse exemplo do filme porque isto mostra-nos que o método que nos é proposto serve para tudo, não apenas para verificar a verdade de Jesus ou da Igreja, mas também para olhar para a realidade como ela é. Se de facto eu deixo de fora tudo o que não gosto da realidade, então não estou a colocar em acto as condições para conhecer, porque selecciono uma parte da realidade. Então, é impressionante que quando seguimos o que Dom Giussani diz – “Se a Igreja não pode fazer batota, tão pouco o homem pode fazê-lo” (p. 253) –, a experiência não nos engana. Já dei muitas vezes o exemplo, que me impressionou, daquela jovem catalã que nasceu e cresceu num ambiente de forte nacionalismo. Quando encontrou a experiência cristã e tendo sido tocada no mais íntimo do seu eu, pôde desmascarar a ideologia de quem esperava tudo da política. Isto é o contrário de absolutizar um aspecto, aliás, é justamente o que nos torna capazes de desmontar as teses pré-constituídas, nossas e dos outros. Mas para fazer isso é preciso ser morais, ou seja, estar disponíveis – como dissemos muitas vezes, citando Jean Guittou – a “submeter a razão à experiência”. Mas normalmente damos conta de que queremos mais submeter a realidade àquilo que já decidimos no início. Por isso, o caminho da verificação, diz Dom Giussani, deve ser “enfrentado com espírito aberto e disponível” (p. 254). Estão a ver? Se nós não voltamos várias vezes ao texto para verificar o caminho que estamos a fazer ou se não confrontamos novamente com o texto as perguntas que emergem no decorrer do caminho, num determinado momento, perdemos-nos. Só se fizermos este caminho de verificação podemos enfrentar a pergunta de uma pessoa que me escreve contando que vive (como todos vivemos, agora) num contexto muito desafiador pela crescente violência que se afirma nas relações. Em todos os âmbitos, na família, no trabalho, no tempo livre, “as pessoas perdem cada vez mais a própria humanidade, deixando espaço para todos os instintos que parecem tutelar os próprios interesses”. E isto, escreve, “não só me entristece, mas imobiliza-me [bloqueia-a]. Além disso, a minha posição mais branda e menos violenta [como nós nos encorajamos a ter] parece perdedora nos factos da realidade. Não tenho dúvidas sobre a minha experiência, mas pergunto-me: como posso viver nesta situação, nesta selva? Que passo devo dar para não viver estas circunstâncias imobilizada, escandalizada?”. Diante de uma pergunta assim, podemos realmente verificar se estamos a percorrer um caminho. Se, de facto, a proposta cristã não nos ajudasse a viver nesta situação, seria um grande problema. Enfrentando esta sua urgência, a nossa amiga lembrou-se do que ouvimos na Jornada de Início de Ano: “É preciso [...] que acabe um período e comece um outro: o maduro”, ou seja, que aconteça “uma radical mudança da nossa consciência” (“Vivo” *quer dizer presente!*, supl. *Passos* novembro 2018, p. IX). Por isso, pergunta-se: “Como posso fazer para que isto possa acontecer em mim? Como é que esta pobreza de espírito, ou este tornar-se maduro, podem, a pouco a pouco, tornar-se meus?”. A primeira coisa a dizer é que nós podemos enfrentar estas situações pela novidade que precisamente o cristianismo introduziu e, antes do cristianismo a revelação no Antigo Testamento: primeiro Abraão e, depois, João, André e Paulo tinham feito a experiência de interceptar alguma coisa que os tinha libertado, desbloqueados da situação na qual viviam. Porquê? Porque – diz a Escola de Comunidade – nós somos chamados, como eles, com aquilo que nos aconteceu, a entrar na comparação universal com tudo o que acontece. “O desafio da

Igreja pode ser resumido deste modo: ela aposta no homem, admitindo que a mensagem da qual ela é instrumento, validada pela experiência elementar, revelará a presença prodigiosa” (p. 251). Abraão, João e André, Paulo, acolhendo a novidade que entrou nas suas vidas, começaram a viver situações semelhantes à nossa, de um modo diferente, quer dizer, enfrentaram tudo sem ficar bloqueados. Pensemos em alguém como São Paulo, a quem nada foi poupado: sofrimentos de todo tipo, dificuldades, agressões, de tudo. Mas precisamente ele – que tinha enfrentado toda essa situação, muito pior do que a que cada um de nós precisa enfrentar –, escreve: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? [...] Mas em tudo isso somos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou. Estou convencido [cheguei à certeza] de que, nem a morte, nem a vida, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Cristo” (Rm 8,35-39). Não me parecem palavras de um homem bloqueado pelo Império Romano ou pelas situações que lhe foram dadas viver. Quando a pessoa aceita e se deixa envolver por aquilo que acontece, por aquilo que aconteceu na sua vida, adquire esta consciência.

Lendo o Porquê a Igreja ficou em mim a pergunta (isto não me acontece com frequência): onde podemos encontrar a correspondência da proposta cristã às exigências da vida? Veio-me à ideia um facto muito simples. No mesmo dia em que li esta passagem estava sobrecarregado com um monte de coisas para fazer, prazos a serem cumpridos, trabalhos a serem terminados. Tudo isto tinha deixado um peso enorme no meu coração, não tanto pelos prazos em si, mas mais, na verdade, pela recusa de que tudo de mim se jogasse naquelas quatro coisas. Naquele dia particularmente difícil adverti a necessidade de ir à Missa, não tanto como “efeito placebo”, para me acalmar um pouco, mas para que se pudesse abrir, pelo menos, um horizonte um pouquinho maior sobre mim e sobre a minha vida, que não poderia resumir-se às coisas a fazer. Na homilia, o padre, comentando o Evangelho, disse: “O problema não são as coisas a fazer, que normalmente são uma maneira de se esconder, mas o amor, que é aquilo pelo qual seremos julgados”. Aquilo pareceu sob medida para mim, até porque não levei mais do que um instante para perceber que ali havia algo infinitamente mais correspondente ao meu coração, e que somente Cristo traz (pelo menos foi assim que eu vi). Gostaria de fazer uma pergunta sobre isto: o cristianismo vivido não como um conjunto de coisas verdadeiras e justas, mas este amor que senti por mim é muitas vezes uma tensão ao Mistério, ao cumprimento, à felicidade e só em certos pontos, em certos momentos ou em certas pessoas se releva e enche o meu coração. No resto do tempo – quando não estou distraído e me dou conta disto, o que já não é pouco – permanece apenas o desejo, que não consegue realizar-se, nem mesmo fazendo as coisas “justas” do CL ou encontrando certos amigos precisos. Como se pode, então, experimentar sempre uma correspondência, uma plenitude verdadeira? Gostaria de acrescentar uma coisa muito breve. Fizemos uma Escola de Comunidade sobre este ponto e no fim foi feita referência a uma Assembleia deste verão, na qual um padre teu amigo, contando o caminho que fez, disse: “Pouco antes de ter sido ordenado dei-me conta de que a vida era constelada de factos que tinham a marca de Deus e que me tinham levado até ali, porém, quando devia dizer “Tu”, quando devia colocar-me de joelhos e agradecer, havia como uma grande resistência em mim”. Parece a mesma coisa que acontece comigo. Então tinha vindo dizer-te: “Eu, em relação a estas coisas, quero fazer um caminho humano”. Isto interessa-me muito, porque me interessa fazer um caminho humano.

Tu lembras-te de algum momento em que fizeste experiência dessa correspondência? Quando ouviste o padre, porque é que te correspondeu aquilo que ele disse? O que introduziu em ti? Se não tivesse acontecido alguma coisa, com todas as coisas que tu ouves tantos padres dizerem, tu não te lembrarias. Porque é que aquele padre te tocou?

Porque indicava uma perspectiva mais verdadeira sobre mim.

Porque em vez de ficares a teimar em relação às coisas que tinhas para fazer, tu deixaste entrar um olhar de amor, “aquilo pelo qual seremos julgados”, como tu disseste. Isso fez-te mudar mais do que todas as tuas preocupações sobre o que tinhas para fazer. Tu não precisaste de eliminar nada da

tua vida, bastou simplesmente aceitar esse amor. E isso começou a introduzir no presente uma diversidade. Alguém poderia impedir isso?

Não.

Alguém poderia poupar-te disso?

Não.

Este “aceitar” está ao alcance de cada um de nós, depois de um encontro como o que tu tiveste com o padre. Então, quando estás sufocado, vais à Missa, se puderes. E se não conseguires ir à Missa, para um instante para reconhecer esse olhar de amor sobre ti, deixa entrar esse olhar sobre ti e experimenta verificar se isso não te dá aquilo que estás à procura. Fico sempre impressionado quando leio este juízo de Dom Giussani: “Uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente e confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o oposto” (*Educar é um risco*, Paulus editora 2018, p. 21). A fé é uma experiência de tal modo presente que eu posso ver a sua confirmação, perceber a correspondência ao meu coração na minha própria experiência, de outro modo não seria capaz de resistir num mundo onde tudo diz o contrário. Então, como posso experimentar a verdade da pretensão de Cristo e da Igreja? Só deixando-O constantemente entrar na minha vida. Nós encontrámo-Lo. Estamos aqui só porque O acolhemos, depois de tê-Lo encontrado. Isto dá-nos o método da verificação em cada instante. Por isso, impressiona-me esta frase sintética: a fé é uma experiência presente, e eu tenho a confirmação na própria experiência da verdade daquilo que vivo, porque responde à minha exigência, à minha urgência, neste momento em que estou a sufocar. De outro modo, ninguém poderá resistir num mundo onde tudo diz o contrário em relação à fé cristã. Mas esta experiência não acontece de uma vez por todas. Como tu pudeste experimentar naquele dia na Missa, podes experimentar outras vezes, mas sempre dando-te conta de que o que experimentas não é a plenitude total alcançada de uma vez por todas. “Aquela plenitude”, diz o livro – é preciso voltar sempre ao texto! –, “é apenas a alvorada da totalidade. O todo é incomensuravelmente maior do que aquilo que possamos imaginar: é o ‘cêntuplo’. Mas este cêntuplo é a indicação de que o todo está a aproximar-se, é um sinal que manifesta a totalidade. Sem passar por esta experiência, o homem nunca estará convencido” (p. 255). Tudo isto está ao alcance das mãos, mas é preciso a tenacidade de um caminho, para o qual somos constantemente convidados. Agora vocês percebem porque é importante compreender bem qual é o objeto da verificação nesta Escola de Comunidade? Não são as nossas preocupações, os nossos afazeres, as nossas imagens, mas Aquele que nos aconteceu encontrar, Cristo.

O objeto da minha verificação hoje é a fidelidade de Cristo à minha vida. Vejo que, ultimamente, todas as manhãs me levanto cansado ou animado para ir ao treino, mas – independentemente do humor – pergunto-me o que vou lá fazer. Trabalho numa empresa importante e muitos dizem que é uma sorte trabalhar lá. A mesma pergunta acompanha-me quando vou beber uma cerveja com os amigos de sempre ou quando começo a arrumar a casa. Pergunto-me: para que serve tudo isto? Cristo veio encontrar-me através da minha história e teve a pretensão de ser a resposta para essa pergunta. “Eu sou a resposta ao sentido de tudo”: vivi isto em mil circunstâncias durante estes anos no CLU. A minha vida agora é uma contínua verificação disto: se Cristo é a resposta pertinente diante do ir para o trabalho, recolher o lixo do chão ou da dor pela morte do meu avô. Vivo todos os dias com este pedido, que acho que é uma esperança e um desafio: “Jesus, faz-me ver como vences hoje!”. E como vence? Acontecendo! É vê-Lo acontecer em mim e diante de mim que me dá a certeza para dizer estas palavras. O acontecimento é aquilo que agora, no Seu recontar e na minha tomada de consciência disto, coloca um tijolinho a mais que constrói a minha certeza. Porque se não fosse assim hoje, se Jesus não fosse capaz de me fazer viver mais intensamente o meu quotidiano, não desperdiçaria o meu tempo a rezar ou a estar no Movimento! E com esse “intensamente” quero dizer viver de um modo que antes não teria imaginado como força, profundidade e maravilha diante do mistério incrível que estou a descobrir que a minha vida é. Por isso, não só no surpreender-me diante da minha nova maneira de olhar para os meus colegas e da

sua abertura e mudança graças ao encontro comigo, mas também na dor, que não me é tirada e na qual sou lançado, até descobrir que estou contente e a cantar para Lhe agradecer depois de ter chorado diante do corpo do meu avô. Esta é a verificação que estou a fazer nestes meses: apostar que dentro da Sua companhia a vida é o cêntuplo. E que isto é possível em todo o lado, já que eu, comprometido com Ele porque me aconteceu, sou potencialmente um acontecimento que caminha. A coisa mais incrível é que acontece dentro da banalidade do dia-a-dia. Interessa-me viver as coisas de todos os dias como estou a viver neste período. Precisamente como tu vives! Agora percebo porque é que tu tens sempre curiosidade pelo último que passa. E também porque é que Giussani nos dizia que a única coisa na qual devemos imitá-lo é na sua vontade de aprender!
Obrigado.

Até há um ano atrás, Comunhão e Libertação não me atraía, aliás...

Já estou habituado a isto, não te preocupes!

... era o primeiro que, assim que havia uma oportunidade, atacava o Movimento por todos os lados. Tinha uma crítica para todos. No final de junho, porém, na universidade, recebi uma proposta de estudar para um exame, que não era muito fácil, com algumas pessoas que eu não conhecia, ou melhor, conhecia apenas de vista. Porém, sabia que aquelas pessoas, aqueles jovens, eram, na sua maioria, do CL, então esperava ansiosamente que me convidassem para a Escola de Comunidade para que eu pudesse esclarecer logo as coisas, antes que começassem a insistir. Mas não foi isso que aconteceu. Ninguém me convidou para nada, ninguém me convidou para nenhum gesto, ninguém teve nenhuma pretensão sobre mim. Depois de um mês de estudo intenso com essas pessoas, não podia esconder o facto de que, estando com elas, não conseguia parar de sorrir. Em outubro, as aulas recomeçaram e fiquei com medo de não poder encontrar-me de novo com aquele grupo de rapazes que tanto me tinha fascinado. Como se tivessem lido a minha mente, convidaram-me para um almoço, e não pude deixar de dizer a um deles: “Caramba, como é bonito o modo como vocês estão juntos!”. A partir daquele momento nasceu alguma coisa do qual ainda dependo e do qual já dependia então. Comecei a dizer sim a muitos gestos que – juro – nunca me teria proposto a fazer, tipo a Escola de Comunidade, a caritativa, a Jornada de Início de Ano, nem teria imaginado que estaria aqui, a falar contigo, agora, neste momento. Porém, não digo sim porque agora já estou mergulhado até o pescoço e por isso sinto-me obrigado e está tudo bem, mas porque todas as vezes que digo sim a uma proposta que tem este calibre – ou seja, Cristo – fico cada vez mais sorridente, cada vez mais contente e seria estúpido privar-me disso. Para concluir, percebi que antes havia um esquema meu, estava a substituir-me ao Mistério, e aquele lugar ali, com aquelas pessoas, hoje está a fazer-me viver feliz. Nem sempre, mas tudo bem... Obrigado.

Obrigado a ti, porque nós, que estamos aqui há já tanto tempo, precisamos de te ouvir comunicar a tua surpresa, porque quando alguém experimenta essa surpresa pode ser arrancado do próprio esquema. Como dizíamos antes, basta envolver-se com a simplicidade com a qual tu te envolveste. Não importa o ponto de partida, basta simplesmente que a pessoa esteja disponível a dividir a vida, porque a proposta que a Igreja nos faz é a de uma vida com a qual a pessoa é convidada a envolver-se. Ninguém te tentou convencer de nada, simplesmente convidaram-te para estudar com eles, para participar da vida que viviam. E tendo-te envolvido com essa vida, aconteceu o que tu nos contaste. Quem aceita empenhar-se, como tu, vai surpreender-se experimentando uma novidade impensável também em situações nas quais a pessoa não esperaria, até em situações que nos perturbam. O testemunho que acabámos de ouvir mostra até que ponto a Igreja “se entrega ao juízo da nossa experiência, ou melhor, exorta-a continuamente a percorrer o seu caminho na totalidade” (p. 251).

A questão do cêntuplo sobre a qual estamos a trabalhar foi sempre um espinho na minha vida, e o facto de voltar ao tema hoje, é muito interessante. Porquê? Porque sempre confundi o cêntuplo com o equilíbrio. Como cometi erros na vida e também carreguei feridas, pensava que não poderia voltar a ser feliz, no máximo poderia alcançar um equilíbrio, mantendo sob controle todas as questões e dificuldades que tinha e que tenho. Até que encontrei um olhar sobre mim que

compreendeu o meu limite, um olhar dos amigos, dos jovens da escola, uma simplicidade que me fez reencontrar um caminho para mim. E o que é que eu fiz, então? Voltei a encontrar-me outras vezes com eles, envolvi-me com eles, identifiquei-me com a vida deles. E qual foi a consequência disto? Que agora faço uma experiência de alegria que não imaginava. As feridas ainda existem, aliás, hoje sinto-as muito mais, mas Deus está a fazer-me perceber que se pode ser igualmente feliz, mesmo com todas as feridas que se tem. Não é preciso arrancar as feridas, não é preciso eliminá-las, o cêntuplo acontece dentro dos meus cacos, porque é obra d'Ele. Foi isto que constatei também em Aleppo, onde vi a vida renascer entre os escombros. Porque o cêntuplo acontece por iniciativa d'Ele e não porque eu seja capaz.

É o que ouvimos na Jornada de Início de Ano: acontece algo absolutamente imprevisível. Depois de muitos sofrimentos, tu não achavas que ainda pudesse acontecer alguma coisa, porém Deus pode surpreender-nos sempre, até através de pessoas tão jovens como os estudantes, que reabrem de novo toda a tua vida, a ponto de tu poderes dizer: “Acontece dentro dos meus cacos”. Mas isso implica aceitar uma luta entre aquilo que eu penso e aquilo que Cristo faz.

Durante o trabalho sobre “Vivo” quer dizer presente!” fui tomada por este texto que sentia meu, próximo a mim. Convidei três amigos do meu curso para a Escola de Comunidade, queria aprender a viver com eles o que vivo com o CLU, porque nas aulas tudo me parecia mais difícil, sentia-me mal e tinha preconceitos em relação a todos. Não sabendo como sair do meu vício de os julgar, pensei que seria mais simples para mim dar-lhes a conhecer todas as coisas bonitas que vejo na Escola de Comunidade e que me custava ver neles. Eles deram crédito ao meu convite, apesar de me sentir a pior das cristãs por causa das inúmeras vezes que recaio nos meus erros (porque me quero salvar sozinha e fazer as coisas como acho melhor). Vieram porque foram convidados e, antes de começar, fizeram-me mil perguntas sobre um trecho do texto da Jornada de Início de Ano que tinha lido com eles. “O anúncio é a presença de uma pessoa envolvida com plenitude no significado do mundo, no significado da vida” (“Vivo” quer dizer presente!, supl. Passos, novembro 2018, p. VI. Um dos colegas disse-me: “Tu és isto todos os dias para nós e é por essa razão que estamos aqui! Uma presença na sala, todos os dias”. Fico impressionada como as pessoas veem em mim algo que eu ainda não consigo ver. Deus poderia escolher outra pessoa para eles no entanto escolheu-me a mim. Faz as coisas de modo absurdo para mim, inimaginável, mas é um modo muito bonito porque me deixa sempre livre para decidir. Por isso, sinto-me a última das cristãs, porque, sendo livre, erro, porque recaio nos meus erros. Mas não quero viver por menos do que aquilo que eles veem em mim, parecer-me-ia andar para trás em relação ao que me é dito e que ainda não percebo. Não posso fazer batota em relação a isto, é um caminho e preciso estar disponível para o enfrentar de coração aberto, mesmo que não saiba o que me espera, mesmo sabendo que vou cair novamente, mesmo que não me sinta à altura.

É de tal forma uma novidade que a pessoa não quer voltar mais atrás, mesmo dando-se conta dos equívocos e dos erros que comete. Mas isso não a detém mais. Este é o progresso que se realiza, este é o caminho que pouco a pouco se delinea: uma experiência vivida.

O que me impressiona do texto da Escola de Comunidade é como a verificação da presença do divino na vida da Igreja é algo que deve passar, não tanto por uma teoria a ser estudada ou compreendida, mas por uma experiência vivida, por uma carnalidade que se experimenta. Impressiona-me que o texto fale precisamente desta carnalidade, deste mover-se com essa carnalidade: “Cada um de nós [...] procura essa maior plenitude. Este é o critério que nos guia, mesmo nas escolhas mais ínfimas: os homens aderem a este ou àquele convite [...] porque destas escolhas esperam uma maior satisfação, uma correspondência mais intensa ao seu desejo! (p. 252). Como gesto de caritativa, acompanho um rapaz na procura de trabalho. Infelizmente, é como se não tivesse havido nenhum resultado positivo neste período. E eu perguntava-me: mas, para que serve usar o meu tempo assim se, depois, o resultado parece negativo, se a minha contribuição parece pouco útil? Era a pergunta que carregava neste período. Mas O Sentido da Caritativa, que

retomei recentemente, respondeu a essa pergunta: “É a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, não somos nós quem os faz felizes [...] É um Outro quem os pode fazer felizes” (O Sentido da Caritativa, p. 9). Isto fez-me perceber, se sou sincero, a dinâmica que está a mudar de verdade o meu coração neste tempo. Ainda mais graças a este resultado um pouco estranho, é evidente que a minha relação com este rapaz é um mistério, é a relação com um Mistério. Não é uma relação definida por um sucesso imediato, mas por algo que vem antes. Seguir este gesto de caritativa, definir um momento preciso da semana ao qual ser fiel – apesar da vida e dos compromissos sempre presentes – é o que, mais do que tudo, me faz viver a “pobreza de espírito” da qual fala Giussani, e graças a ela ultimamente estou-me a dar conta de como Ele revoluciona agora a minha vida, a muda continuamente.

Como vimos, a pessoa que realmente se envolve com a experiência da vida da Igreja, qualquer que seja a situação de partida em que se encontra, mais cedo ou mais tarde não pode deixar de verificar quanto isso a faz experimentar a realidade – mesmo no meio dos escombros – segundo uma modalidade de viver tudo que é cem vezes melhor. Não nos poupa dos escombros. E não precisamos de eliminar as feridas, a doença ou os desafios para viver, porque podemos enfrentá-los com a diversidade que hoje vimos descrita nas vossas intervenções. Isto é fundamental para o caminho da certeza, porque se não podemos colher o cêntuplo no quotidiano, não alcançaremos aquela certeza que vence qualquer tipo de cepticismo (pelos nossos limites e pelos dos outros). Tudo isto acontece também através de uma comunidade cheia de limites como a nossa, porque nenhum limite nos pode impedir de fazer esta verificação. Por isso, não devemos eliminar nada do que existe, da nossa humanidade ou da humanidade daqueles que carregam o significado da vida; para experimentar o cêntuplo, basta aceitar uma convivência com aquela vida que está dentro deles. Não passemos à frente deste capítulo. Este capítulo deve ser parte constante da nossa vida, porque neste caminho não há um antes que seria o sentido religioso, seguido da pretensão cristã, depois a vida da Igreja e por fim nós que ajuizamos. Não, tudo se dá ao mesmo tempo, e este capítulo resume de forma sintética toda a proposta cristã indicando o método para que esta não se reduza a uma repetição teórica, mas seja sempre uma experiência vivida, a única que nos faz reconhecer a resposta à pergunta: posso experimentar Cristo agora para alcançar a certeza de que preciso para tomar uma decisão sobre uma questão deste calibre? Cada um deve verificar se o testemunho daqueles que estão a fazer este percurso representa a possibilidade de responder a esta pergunta.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, 19 de dezembro, às 21h00.

Continuaremos esta segunda parte do *Porquê a Igreja*, de Dom Giussani. Faremos o segundo capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, fundamental para perceber como o fruto está unido à raiz, da página 257 à 266.

Assinalo-vos que no site italiano do CL, na secção “Escola de Comunidade”, colocámos à disposição os arquivos em áudio das partes de *Porquê a Igreja* sobre as quais estamos a trabalhar. Parece-nos uma ajuda para trabalhar o texto.

Banco Alimentar e Tendas AVSI. Gostaria de retomar brevemente o que dissemos na última Escola de Comunidade em relação aos gestos de caridade que nos propomos neste período: o Banco Alimentar e as Tendas AVSI. Estes gestos são antes de mais nada um desafio para a nossa verificação, põem à prova se o nosso mover-nos – fazendo estes gestos – nasce de uma experiência de gratidão, da experiência de um “pleno” que urge comunicar – sendo livres do resultado, portanto – ou se nasce de uma falta pela qual precisamos sempre de novos “projectos” para “ter a sensação de existir” (como dizia Dom Giussani).

Se a origem é uma gratidão infinita que transborda da nossa pessoa, então o que faremos será aparentemente a mesma coisa, mas o significado – a densidade – que carregará consigo será totalmente diferente. Esta é a diferença entre um gesto de voluntariado e um gesto de caritativa como o que estamos a propor: se o nosso mover-nos carrega uma esperança para toda a vida – já que é o que todos esperam para viver – ou se nos contentamos em dar uma resposta a uma

necessidade material sem comunicar a única coisa que Jesus carregava quando respondia às necessidades das pessoas: que não estavam mais sozinhas como cães e que por isso havia uma esperança.

Então, precisamente no modo com o qual faremos estes gestos as pessoas que encontraremos poderão perceber que há uma diferença, que o que veem não pode exaurir-se em si mesmo, mas remete para mais além: é o testemunho de algo absolutamente imprevisível, ou seja, do anúncio cristão. Esta é a minha preocupação: que os gestos não sejam desligados da origem da nossa experiência, que não percamos o nexos com a origem, porque a alternativa a isto só poderá ser o cepticismo. E, sobretudo, que através dos gestos nós não comuniquemos aquilo que mais nos interessa, ou seja de onde nasce aquilo que fazemos.

Por isso, devemos preocupar-nos, antes de mais nada, em ser os primeiros a viver os gestos. Só se nós os vivemos, poderá chegar aos outros aquilo que nós desejamos comunicar. Como lhes chega não é um problema nosso. O nosso problema é se estamos cheios desta consciência porque, então, chegará, chegará aos outros quase sem que nós nos demos conta.

Por isso, como preparação para estes gestos, convido todos a retomar o livrinho de Dom Giussani *O Sentido da Caritativa*. Releiamos-lo para nos ajudar a viver estes gestos em conexão com os conteúdos da Escola de Comunidade que estamos a aprofundar.

O livro do mês para dezembro e janeiro será *Santi*, de C. Martindale (edição Jaka Book), com uma apresentação de Dom Luigi Giussani. Parece-nos que este livro sobre a vida dos santos possa ser exemplificativo do trabalho de verificação que a Escola de Comunidade nos propõe, em particular em relação a uma das características da Igreja, ou seja, a santidade.

Site CL e *Passos*. Começa a campanha de assinatura de *Passos*, que é a forma mais eficaz de apoio à Revista e ao site de CL. Neste momento de confusão em tantos aspectos, sentimos muito preciosas a companhia e a ajuda que nos damos a olhar aquilo que o Mistério faz acontecer entre nós e que depois contamos e publicamos no site do movimento.

Já a revista *Passos*, como viram, tentamos usá-la para alguns aprofundamentos sobre temas que achamos fundamentais no debate cultural e que vemos em acto dentro da Igreja e na sociedade. Não se trata de aprofundamentos para “especialistas”, mas para todos. Percebo cada vez mais – também pelas oportunidades de viagem e pelas ocasiões de diálogo que tive por ocasião das apresentações dos meus livros – que muitas questões já se colocam a nível – digamos – “global”. Percebo que o uso destes instrumentos não é de modo algum óbvio e que só dentro de um caminho reaprendemos, nós e o nosso povo, o gosto por um conhecimento para alargar a razão.

Ajudemo-nos, portanto, neste trabalho.

Cartaz de Natal. A imagem deste ano é a *Adoração dos Magos* (1457), de Elia e Giovanni Gagini, Gênova.

A primeira frase é do Papa Francisco: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento.

Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»”.

A segunda frase é de Dom Giussani: “Tentem pensar naquela rapariga que estava em casa e recebeu o anúncio: Nossa Senhora. Algo não condutível, em última instância, aos acontecimentos precedentes, dos quais o seu presente era feito. Imaginem o que os pastores sentiram com o anúncio do Anjo, ou os reis Magos com o anúncio do qual a estrela foi o sinal: uma novidade radical, uma novidade de ordem absoluta; não podia existir e está aqui, não podia existir porque nunca a

pensámos, não podíamos pensá-la, e está aqui. O cristianismo é o acontecimento deste anúncio. Anúncio não enquanto eu o sinto, acima de tudo, mas enquanto se me apresenta: algo que está fora de nós e que se propõe ao profundo de nós; mas está fora de nós. O cristianismo é uma presença dentro da tua existência, uma presença que garante uma mudança inimaginável, inimaginável”.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos!